

Globalização e novas dimensões da cidadania



I. Contornos da globalização

- não a simultaneidade de fenômenos idênticos em diversas partes do mundo;
- não o efeito cumulativo de decisões internacionais (o plano "inter-nacional" contém ainda a referência à autonomia nacional)

mas sim:

- a existência de fatos, fenômenos, modos de funcionamento ^(de reportagem) que não têm o quadro de referência existente mas que criam uma situação cujo "locus" é planetário, imediata
- por um lado, fenômenos que spr. existiram que são observáveis como cortados da realidade nacional
- por outro, fenômenos inteiramente novos cuja análise está por fazer.

II // a) entre os 1.º, é o ambiente e, de modo imediato, o ar, na qual regulam exterior aos países e continentes; mas tb. a água (oceanos e rios) e a terra. (a natureza como ator de história)

III // os elementos fundamentais dos filósofos da antiguidade? os mecanismos?

b) entre os 2.º;

→ transformação/segmentação/ do aparelho produtivo
(se de: Grenoble/^{destino} Itália/fabrica e controle qualidade: China/
da mat. prima
manufatura/Hong-Kong e Finlândia/~~produto~~ acabas/ produto final: Filipinas; anastating/Grenoble)

• aponta p/ 1 nova equação industrial e/ > multiplicidade de fatores

- a produção é global >
o consumo é global >

→ informação instantânea (espectáculos/mídia global s/c de espaço por outros)
• que faz e a informação?? cidadania, como?

- sobre carga afectiva ou indiferença?
- pôr em causa certas actividades na forma actual (ej diplomacia)

efeitos perversos: o turismo cognitivo

vs. o conheci, o saber - é já global?

sim, protegido por patentes USA (biologia)
 não há / reconheci global de patentes!

→ o inglês como "lingua franca" (o poder das línguas, das linguagens, das suas expressões)

- alonga do universo conceptual of novos instrus
- efeito perverso de subordinaç a 1 única forma de dizer e conceptualizar (USA)

→ o carácter planetário dos fluxos financeiros

- livre circulaç de capital

IV. a democracia e os direitos h como ^{quadro} ~~decisões~~ _{único} global da gestão política (do do^{to} endógeno ao modelo único)

→ carácter problemático das decisões inter-nacionais

→ a questão da univ. dos dir. h e o relativo cultural

vs. "responsabilidades humanas"

→ os novos actores sociais:

- organizações
- mobilizações ad hoc



V. - Mecanismos

- Atitudes (nova "alfabetizaç")
- Valores (ética da respons. e da envicç)

Introdução:

IV. Contornos da globalização



Continuam a realizar-se as Cimeiras. Nos últimos meses, discutiram os Chefes de Governo a economia globalizada (no G8), a biodiversidade do planeta (na "Rio+5", Assembleia extraordinária da ONU), o futuro do espaço real e simbólico ibero-americano, ~~neste momento~~ na ilha Haguaita, eq.^{to} se prepara o grande evento de Kyoto.

Face a esses rituais de grande expansão mediática, é imperativo perguntar: e q pensam os povos? Que canais existem para q as Cimeiras sejam encontros não só de homens singulares (~~que vêm reflectidos em cada um dos outros a imagem do seu poder e daí ^{perguntar} retiraram mais poder para si próprios~~) mas também sejam confrontos, diálogos, convergências, de vontades colectivas? Se se trata de Cimeiras e se o poder vem do povo ~~onde~~ ^{em quem} reside a soberania, onde se esconde, nos debates e nas decisões dos Chefes de Governo e de Estado, o autêntico "querer comum" de cada povo, de cada Estado?

Ao colocar estas interrogações, estou a equacionar o fundamento dos problemas que vão estruturar a minha intervenção.

Permite-nos q̄ concretize, do lugar geo. ²
gráfico e político onde normalmente vivo e
trabalho, esta interrogação.



Em Junho - e preparada por mais de
um ano de reuniões semanais dos represen-
tantes dos Governos dos 15 Estados-membros
da União Europeia - teve lugar a Cimeira
de Amsterdã q̄ devia actualizar o Tratado
da União.

Paralela a esse trabalho dos Governos, ~~teve~~
~~gerou-se~~ uma grande movimentação de áreas
significativas da sociedade civil de todos os
países para que, a uma Europa essencialmente
técnica e económica (já nas últimas etapas da sua
construção), ^{Fundação Cuidar o Futuro} viesse acrescentar-se uma Europa dos
direitos civis e sociais, capaz de assegurar
o q̄ ~~um~~ "Comité de sages" a q̄ presidi,
propusera como uma "refundação da União
Europeia", mais coesa na sua identidade e,
assim, mais aberta ao mundo.

Os cidadãos europeus sabem o q̄ querem.
Verifiquei, de Helsínquia a Atenas, de
Madrid a Birmingham, de Bonn a Lisboa,
a total unanimidade de ONGs, de
cientistas e de académicos, sobre uma Europa
q̄ se estruture sobre a cidadania plena de
todos os q̄ nela residirem.

Assisti ~~Participar~~ Manifestaram-se também
com ambiguidade dois grupos científicos
trouxeram o seu. Em Amsterdã, no q ficou a
chamar-se de "Fundação de Qualidade Social
na Europa", os cientistas sociais reclamaram,
numa declaração vigorosa e numa eucenes,
comumente de parágrafos lidos nas múltiplas
línguas daquele continente, uma força para
qualidade social em que "os cidadãos sejam
capazes de participar na vida social e econó-
mica das suas comunidades e chamados
a fazê-lo em condições q aumentem o seu
bem-estar, o seu potencial individual
e o bem-estar das comunidades a que
pertencem."

~~na~~ Fundação Cuidar o Futuro
Na véspera da abertura de Amsterdã,

mais de 300 economistas europeus propuseram
uma política alternativa na Europa, salientando
nao só a importância das políticas sociais
enquanto tais mas a urgência de ser tomado
em linha de conta o factor social interno
à própria economia, denunciando a visão

estrita de estabilidade económica, q é ligada e
única aos preços. ~~Afirmam~~ ^{então} "o crescimento,
o emprego, os salários, a protecção social, o
ambiente são também componentes primordiais
da economia."

Muito poucas destas preocupações e 4
deste élan refundador se repercutiu na
cimeira de Amsterdã: alguma cosmética
relativa ao emprego e à carta dos direitos
sociais dos "trabalhadores" (~~expressões que
estrua~~) foi o q restou desse querer comum
dos europeus.



É neste contexto q ~~me permito abordar~~
vibrando das interrogações q ele põe
~~em como~~ ~~o~~ do esforço imaginativo q requer
q me permito abordar
a "globalização e novas dimensões da
cidadania".

Sei q é este um tema q faz parte da
linguagem ^{Fundação Cuidar o Futuro} política em
múltiplos lugares do mundo e, de forma
intensa, nesta realidade extraordinária
q é o Brasil. Mas ^{estimula-me a expôr alguns} ~~acompanha-me~~ ~~me~~
fragmentos de pensamento q vou expôr
sobre estes fenômenos uma das reflexões
de Bernardo Soares; o heterônimo filósofo de
Fernando Pessoa, no seu "Livro do desassossego":
"Qualquer coisa, conforme se considera, é um
arrozinho ou um estorvo, um tudo ou um
nada, um caminho ou uma preocupação.
Considerá-la de cada vez de um modo
diferente é renová-la, multiplicá-la por
si mesma".

Convinha a partida, indicar o significado ^{por isso} que dou à palavra "globalização".

Não estou falando da simultaneidade de fenômenos idênticos em diversas partes do mundo; trata-se meses casos de situações que podemos pôr em paralelo, de que podemos extrair eventuais dados comuns, mas não são, na sua essência, fenômenos de globalização.

Tão pouco ~~estou referindo~~ o efeito cumulativo de decisões internacionais, o plano inter-nacional contendo o que vai do local, nacional ou regional para a concertação mundial. Dessas decisões internacionais - que têm vindo a constituir o quadro do direito internacional - podem extrair-se ideias e práticas e influência no mundo inteiro mas, ^{apesar disso,} ~~mas~~ não são ainda a globalização.

Quais serão, então, os contornos da globalização?

A meu ver, ao podermos falar de globalização quando nos referirmos à existência de fatores, fenômenos, modos de funcionar, que não se reportam ao quadro de categorias existentes mas que criam uma situação própria cujo "locus" é, desde logo, planetário.



A globalização manifesta-se, num 1.º $\frac{6}{6}$ tempo, na revolta da Natureza.



A história fixava-se sempre no postulado que a natureza se renovava e fornecia o que era necessário à vida e à actividade humana. A natureza era ~~era~~ um "contexto da história, algo que "estava lá", fora de nós e dos sonhos prometeicos que guiavam a humanidade. Regras ~~mas~~ milenárias não-escritas guiavam a actividade agrícola, florestal e piscatória, assegurando o respeito pela riqueza da natureza, na certeza de que aí residia a fonte do sustento dos humanos. Reinava a harmonia entre os homens e a natureza, só perturbada por "catástrofes naturais" que os homens ^{comiam} ~~eram~~ de que não eram responsáveis.

É certo de que essa harmonia não era inocente. Pairava em todas as civilizações o pressuposto de que a natureza cercia os homens e a estes cabia dominá-la. Já a sociedade ^{mercantil} compreendia que era possível criar riqueza com novas formas de domínio sobre a natureza. Mas esse domínio introduziu uma relação qualitativa diferente entre os homens e a natureza, faz-se a um ritmo lento e em zonas limitadas do planeta, muitas vezes a coberto da lógica colonialista dos séc. XV, XVI e XVII.

Nos últimos 150 anos, dá-se uma transformação radical.

Em primeiro lugar, a industrialização transforma para a ver a natureza como sede de "matérias primas". A natureza não é mais um contexto para a história e a fonte pacífica do sustento. Transforma-se em "coisa" que vai ser explorada pela indústria.



A urbanização acentua o que os homens não têm de querer próprio. A cidade alarga-se, cobre o espaço que era da natureza, muitas vezes os seus melhores terrenos, para tornar a cidade viável por os transportes modernos, cobre de cimento pequenos cursos de água, já de si sujeitos a uma alternância de capacidade máxima e de seca; em períodos de grande pluviosidade, a chuva não encontra terra em que se embeter, só cimento, alagando entre a cidade. (Foram em Europa as inundações de Julho e Agosto e em Portugal as inundações de Outubro e de Novembro passada.) (X) junta fim p. 8

Um terceiro factor acentua reforça os efeitos da industrialização e da urbanização: a população mundial, em 1830 (pouco depois da independência do Brasil) é calculada

em cerca de 1 bilhão de pessoas; um século mais tarde, em 1930, tinha duplicado; 70 anos depois, no ano 2000, terá triplicado.

Embora o crescimento esteja desacelerando (ponto de transição se situa algures entre 1965 e 1970) o momentum mantém-se e cerca de mais 88 milhões pessoas/ano o que equivale a 1 América Latina em cada 5 anos; isto até atingir acrescentando em 1950 aos 6 bilhões de hoje um total de 4,1 bilhões, equivalente à população mundial de 1975! Como só 1/3 deste crescimento se situa nos países do hem. Norte, isto significa que sobre a natureza já mortificada do hem. S se vai abater um peso de incalculáveis repercussões para a natureza toda.

⊗ A urbanização cria também uma massa de dejectos que tornam a natureza um vasto território de "coisas" [(costa sudoeste Inglaterra, costa francesa junto de Bordéus: 2.000 objectos não bio-degradáveis/m² da plataforma costeira junto à praia, conduzindo a desaparecimento de fauna e flora marítimas).] pg.10

Estes três fenômenos, em si mesmos e na sua interação, transformam a natureza numa parte integrante da sociedade.

Não há hoje dúvida de que a maior parte dos fatos são irreversíveis. Não é só a história que o diz quando, mesmo ao longo da nossa vida, vimos "desaparecer" as terras de cultivo ou as florestas perto de nós. É a própria física ^{pela voz, entre outros, de Ilya Prigogine} que nos vem dizer que Lavoisier está definitivamente enterrado: não é verdade que nada se cria nem se perde. As perdas dos fenômenos físicos, químicos, biológicos, não têm retorno - quando muito estarão fugindo, sob forma de energia dissipada, p.º qualquer buraco negro do universo!

Não é possível, hoje, elaborar política econômica ou social sem ter em linha de conta esta nova realidade. ~~isto~~ Deve determinar a localização de auto-estradas e caminhos de ferro, conduzir à escolha preferencial de meios de transporte, pôr condições de implantação e de funcionamento à indústria, intervir na regulamentação do espaço urbano.

A "revolta da natureza" politiza hoje, de forma explícita, todas as escolhas técnicas e obriga a pôr limites concretos ao domínio dos homens sobre a natureza.

É q̄ ~~todos~~ a revolta da natureza nas $\frac{10}{10}$
de manifesta só num lugar. tornado todo
expiatório da exploração q̄ todos os Estados e
povos, aiude q̄ em graus diversos, aos
autores.

O ar, na sua vagabundagem exterior aos
países e continentes, transporta, como já
sabíamos c/ Chernobyl, a radioactividade p̄
zonas a milhares de km de distância; inunda
de gases tóxicos, todo o Sudeste asiático c/ os
incêndios de florestas d' Indonésia ou de Sarauak,
na frank ~~parte~~ de soberania d' Malésia na ilha
de Borneu; cobre países inteiros com os gases
tóxicos (especialmente CO₂) que resultam dos
combustíveis fósseis usados nos transportes,
na vida doméstica e na indústria.

A água quer dos rios quer dos Oceanos
perdeu a sua magia de frescura e pureza.
~~Há alguns atrás~~ A Bélgica não tem uma
única nascente não poluída: os nitratos
dos adubos tornaram toda a água não potável.
E os oceanos? Na face europeia do Atlântico
a situação é desastrosa. [198]



A terra é atingida por secas e por inundações que tornam as suas condições de existência dos humanos cada vez mais problemáticas.

A esta revolta da natureza emprestaram voz os "ecologistas". Mas hoje a sua causa não pode ser mais a de um punhado de gente considerada "idealista". Hoje é a base mesma da cidadania que é convocada para fazer face ao que se pode ~~tornar~~ converter na impossibilidade da vida humana no planeta. E quem está erguendo a voz por esta convocação? É, para espanto de muitos, o Banco Mundial que, no seu relatório *Estado do Mundo 1992* "começa a emergir a preocupação de que há uma enorme catástrofe ecológica que há de incitar os países a uma ação concertada".

Alguns princípios de ética governativa cabe aos cidadãos lembrar.

Em 1.º lugar, nem tudo o que é científico e tecnicamente possível é aceitável social e humanamente. Trata-se da passagem por uma civilização que inclui os limites como condições da existência humana.



Se os fenómenos são irreversíveis, a penalização não destrói os efeitos; é na origem que importa estancar os factores que tornarão o planeta inabitável. 12



É aqui que mostra a incoerência do princípio vigente - i.e. - "o poluidor paga" - ou a total imoralidade da proposta americana de Kyoto que pretende abrir mundialmente "um mercado dos direitos de poluição". Duas palavras sobre estes dois mecanismos.

O princípio de "o poluidor paga", em vigor, p.ex., na União Europeia, é o retrato de uma visão de muito curto prazo que transporta ainda a ilusão dos danos reparáveis, com multas, indemnizações imediatas que devem ser exigidas e pagas sem demora. Mas a maior parte dos efeitos de poluição são difusos, difíceis de provar, atravessando fronteiras. O princípio não é senão uma ^{replantação de} adequação ao tempo presente de conceitos obsoletos sobre o próprio processo produtivo.

O princípio do "mercado de direitos de poluição", esse, é inaceitável a todos os títulos, tanto morais como económicos. Consiste essencialmente nisso: considerando que a obrigatoriedade de decer o teto das emissões de gases poluentes, em particular, dos que contribuem para o efeito

estufa, teria efeito no caso da economia americana, e, por arrastamento da economia mundial, os EUA propõem que o GTO de 1990 seja objecto de compra e venda a plano mundial. Os países que, por inexistência de fortes reservas de capital e pela existência de mão-de-obra barata, que empreendimento industrial não teria as mesmas consequências que nos EUA, teriam a possibilidade de vender aos EUA ou a outros países industrializados, os seus direitos de poluição, permitindo assim que os EUA continuassem o seu caminho e que entrassem nos seus países os dólares de venda! Os próprios pressupostos deste raciocínio equivalem a uma verdadeira declaração de guerra: que os países pobres, com a sua população a aumentar, sem resposta para as necessidades básicas, continuem pobres! Quanto a nós, a segurarmos, nos, no bem-estar e no consumo crescente, a economia do mundo! - Mas para quem deve a economia mundial? Só aos países industrializados? Não me admiraria, por isso, se a revolta da Natureza fosse a antecipação da revolta de todos os pobres do mundo! E não tenho dúvida de que a cidadania do nosso tempo passa por aqui.



Fundação Cuidar do Futuro



Ficou sub-entendido que



Fundação Cuidar o Futuro